



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES CURSO  
DE TEATRO LICENCIATURA**

**AURYELLY CAMPOS MATOS PEREIRA**

**Orientador: Prof. Dr. Marcelo Gianini**

**Maceió/AL  
2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES CURSO  
DE TEATRO LICENCIATURA**

**AURYELLY CAMPOS MATOS PEREIRA**

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIAS DO PROJETO DE EXTENSÃO  
"VENTRES POÉTICOS"**

Trabalho de Conclusão de  
Curso apresentado ao Instituto  
de Ciências Humanas,  
Comunicação e Arte da  
Universidade Federal de  
Alagoas como requisito parcial  
para obtenção do Grau de  
Licenciatura Plena em Teatro.  
Orientador: Prof. Dr.  
Marcelo Gianini

Maceió/AL  
2023

Catálogo na Fonte  
Universidade Federal de Alagoas  
Biblioteca Setorial do Espaço Cultural  
Divisão de Tratamento Técnico  
Bibliotecário Responsável: Valdir Batista Pinto — CRB - 4- 1588

436r Pereira, Auryelly Campos Matos.

Relato de experiência: vivências do projeto de extensão  
"ventres poéticos"/ Auryelly Campos Matos Pereira. — 2023.  
8 f. :il.

Orientador: Marcelo Gianini

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro)  
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas  
Comunicação e Artes. Maceió.

Bibliografia: f. 24.

I . Significado social do teatro. 2. Feminismo. 3. Violência de  
gênero . 1. Título

CDU: 793.3

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma estiveram presentes na minha vida durante essa trajetória magnífica que foi a graduação em teatro, e que direta ou indiretamente fizeram alguma contribuição para que esse projeto exista.

Preciso citar e agradecer à Universidade Federal de Alagoas, e a todos os projetos de extensão dos quais fiz parte, entre eles o PIBIC, o Corpo Cênico, e claro, o Proinart, que deu ao Ventres Poéticos a chance de existir e resistir. Foi através dessa extensão que pude falar, e perceber a força que a minha voz tem, principalmente quando falo acompanhada de outras pessoas.

Aos docentes que construíram uma bela e poderosa pedagogia transformadora, sem a qual eu não poderia ser a profissional que sou hoje, reconheço a humanidade que se deve ter e as dificuldades a serem enfrentadas sendo professor no nosso país, principalmente pensando no cenário político que nos foi apresentado nos últimos anos.

Em especial agradeço ao prof. Dr. Marcelo Gianini, que foi o primeiro a me receber no curso e que não deixou de estar presente no meu caminho acadêmico em nenhum momento. Sempre se mostrando um profissional preparado, esteve ao meu lado, de igual para igual, desde a confirmação de matrícula, passando por projetos e matérias, e finalmente chegando à tão almejada formação.

Estive cercada de pessoas incríveis durante esse processo e não posso deixar de agradecer também a minha turma, teatro 2016.1, que também me afetou de diversas formas, e que faz parte da minha construção. Aos nomes de David William, Leylane Verçosa e Samara Rayra, que edificaram junto comigo esse lindo projeto, que hoje é o início da minha formação. Sem as opiniões contundentes e o acolhimento afetuoso de vocês eu não poderia estar aqui, vocês são artistas admiráveis e amizades incríveis!

Também aos familiares que fizeram o possível para que eu realizasse esse sonho, que não era só meu. À Lenilda Campos, minha mãe, à minhas irmãs Aurea Matos e Aryany Campos, e sem esquecer da minha sobrinha Lara Manuella, que me incentiva todo dia a continuar criando e fazendo arte, sem nem mesmo notar. Essas mulheres não me deixam desistir de sonhar, de acreditar que posso fazer a mudança acontecer.

E aos companheiros de vivências incríveis que eu encontrei por meio de tudo isso. Ao meu parceiro e amigo Gabriel Alves, por ser tão presente e disposto a ajudar; à Jesana Priscila, ótima ouvinte e melhor ainda em me incentivar; às amizades recentes mas não menos importantes Samantha Araújo, Marina Bonifácio e José Aragão, as nossas viagens foram essenciais para eu estar aqui hoje.

Amo profundamente e agradeço na mesma medida todas essas pessoas que me trouxeram até aqui, espero continuar essa vida sempre tão bem acompanhada. Aos nomes que não foram citados peço desculpas pelo lapso de memória, mas sei que você sabe que essa mensagem também é pra você!

*Eu sou mansa mas minha função de viver é feroz - Mas há alguma coisa que é preciso ser dita, é preciso ser dita.*

Clarice Lispector (1964, p. 88/89).

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA: vivências do projeto de extensão "Ventres Poéticos"**

PEREIRA, Auryelly Campos Matos.

### **RESUMO**

Relato de experiência das elaboradoras do projeto de extensão Ventres Poéticos, sendo elas<sup>1</sup>: Auryelly Campos Matos Pereira, David William Gomes dos Santos, Leylane Maria da Silva Verçosa e Samara Rayra Cordeiro Viana. O projeto Ventres Poéticos visa promover reflexões sobre o papel da mulher na sociedade através da poesia. Aprovado pelo edital Programa de Iniciação Artística – Proinart/Ufal 2018 e desenvolvido no Espaço Cultural Universitário Prof. Salomão A. de Barros Lima, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). As atividades desenvolvidas pelas integrantes citadas incluem: rodas de conversa sobre os livros de referência do projeto, performances político-poéticas criadas e apresentadas pelas mesmas, ações de intervenção artística no espaço anteriormente citado com o objetivo de causar reflexões sobre os assuntos discutidos dentro do projeto, voltados para a violência contra a mulher. Para embasamento teórico dessa escrita e também do projeto descrito acima foi usado: os dois volumes de O segundo sexo de Simone de Beauvoir (1970), Outros jeitos de usar a boca de Rupi Kaur (2017) e a Lei nº 11.340/06.

**Palavras-chave:** Criação artística. Performance. Papel da mulher na sociedade. Projeto de extensão.

### **EXPERIENCE REPORT: experiences of the extension project "Ventres Poéticos"**

---

<sup>1</sup> Usa-se concordância de gênero sempre no feminino por escolha política.

## **ABSTRACT**

Experience report of the developers of the Poetic Vents extension project, namely: Auryelly Campos Matos Pereira, David William Gomes dos Santos, Leylane Maria da Silva Verçosa and Samara Rayra Cordeiro Viana. The Poetic Vents project aims to promote reflections on the role of women in society through poetry. Approved by the public notice Artistic Initiation Program – Proinart/Ufal 2018 and developed at the University Cultural Space Tr. Salomão A. de Barros Lima, from the Federal University of Alagoas (Ufal). The activities developed by the aforementioned members include: conversation circles about the project's reference books, political-poetic performances created and presented by them, artistic intervention actions in the aforementioned space with the aim of causing reflections on the issues discussed within the project, focused on violence against women. For the theoretical basis of this writing and also of the project described above, the following were used: the two volumes of *The second sex* by Simone de Beauvoir (1970), *Other ways of using mouth* by Rupi Kaur (2017) and Law nº11.340/06.

**Key Words:** Artistic creation. Performance. Role of women in society. Extension project.

### **1. A poética: contextos, divergências e anseios.**

Este artigo é a descrição e estudo sobre as experiências vividas pelas participantes do Projeto de Extensão Ventres Poéticos, com apoio da Proex (Pró-reitoria de extensão) aprovado pelo edital Programa de Iniciação Artística – Proinart/Ufal 2018, desenvolvido por estudantes do curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), sendo elas: Auryelly Campos<sup>2</sup>, Samara

---

<sup>2</sup> Escritora do livro *Frenesi* (2020); Graduada em Teatro Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal); aluna e bolsista no curso de Arte Dramática na Escola Técnica de Artes da Ufal; idealizadora do projeto Ventres Poéticos.

Rayra<sup>3</sup>, Leylane Verçosa<sup>4</sup> e David William<sup>5</sup>. Este projeto citado nasceu das inquietações percebidas por suas idealizadoras em relação à violência sofrida na sociedade por ser mulher, pensando também na falta de direcionamento na academia para compreensão dessa causa. Ele aconteceu entre os meses de maio de 2018 e novembro de 2019, com duração de um ano e seis meses.

De interesse a todas as participantes (bolsistas e colaboradoras), a criação, participação e reverberações no Projeto Ventres Poéticos teve em comum os atravessamentos negativos e positivos nas etapas: pré-escrita, escrita, publicação, aprovação, vivência e pós-produção. Inferindo na atualidade ecos de considerações nas vidas das realizadoras no percurso pessoal-artístico-social-acadêmico, este trabalho tem como objetivo aflorar sentimentos, resgatar memórias, registrar histórias e provocar reflexões sobre o fazer artístico feminino de suas desenvolvedoras no Espaço Cultural da Universidade Federal de Alagoas - Ufal em 2018 e 2019.

Em relação ao pontapé inicial para a escrita do projeto propriamente dito, as idealizadoras tinham como referência a leitura do livro *Outros jeitos de usar a boca* de Rupi Kaur<sup>6</sup>, um livro com poesias feministas que retratam a realidade de muitas mulheres vivendo na sociedade atual. Mesmo tendo em vista que as integrantes teriam discordância nos quesitos ideias e ideais político-feministas, com a análise do livro em conjunto, ficou percebido que além da dissonância de pensamentos, também haveria a identificação com algumas problemáticas que são comuns para todas elas.

Dessa forma, mesmo com a variedade de correntes de pensamentos, ainda foi possível se encontrar no mesmo âmbito de escrita e a ideia para desenvolver o projeto, fazendo com que o mesmo tomasse uma proporção muito maior do que o esperado dentro de cada pessoa que participou ativamente dele. Isso aconteceu justamente por termos todas as diferenças que tínhamos, pois desta forma cada pessoa envolvida possuía algo a acrescentar ao projeto e a todas envolvidas.

---

<sup>3</sup> Professora formada em Teatro Licenciatura, na época discente do curso, artista e performer, como também idealizadora do projeto Ventres Poéticos.

<sup>4</sup> Professora formada em Teatro Licenciatura, na época discente do curso, artista e performer.

<sup>5</sup> Professor formado em Teatro Licenciatura, na época discente do curso, artista e performer.

<sup>6</sup> Poeta feminista contemporânea, escritora e artista.

As estudantes<sup>6</sup> de graduação no curso de teatro licenciatura da Universidade Federal de Alagoas - Ufal, enxergaram dupla oportunidade, primeiro de iniciação artística com o lançamento do edital o Programa de Iniciação Artística - Proinart/Ufal 2018 - e segundo de proposição de um processo pedagógico.

Entretanto, dificuldades foram vivenciadas em momentos que antecederam a escrita do Projeto. Ainda na etapa de idealização, pensar em convites a colaboradoras/es (além das referenciadas neste trabalho) compactuantes com a temática no curso/universidade - na perspectiva de vivência, tempo-espço - foi um ponto crítico. A problemática apresenta-se desde a necessidade de pessoas para a realização (colaboradoras/res), até a disponibilidade de docente para a orientação. Começando/continuando assim, uma luta de existência e de resistência.

## **I - Texto, dramas e nãoos**

Apesar das dificuldades apresentadas de forma mais gritante no decorrer da etapa inicial - não visibilizando aqui problemáticas propositalmente ignoradas pela sociedade branca-patriarcal-capitalista-cis-hétero-normativa no que diz respeito a ser mulher no contexto brasileiro -, o Projeto foi ganhando corpo textual alimentado pelas idealizadoras Auryelly Campos e Samara Rayra, tendo, desde a idealização, seletos nomes de colaboradoras nas pessoas de Anna Rodrigues<sup>7</sup>, David Gomes e Leylane Maria, e, a posteriori, Gercy Paloma<sup>8</sup>, Juliana Senna<sup>9</sup> e Tayná Nogueira<sup>11</sup>.

Existiam de diversas formas atravessamentos nessas integrantes no tocante a ideologia-política feminista e às práticas teatrais vigentes no espaço acadêmico oriundas das/dos discentes e docentes. Com o projeto finalizado na etapa escrita, foi compactuado entre seu primeiro núcleo e iniciado um levantamento de possíveis

---

<sup>6</sup> Usa-se concordância de gênero sempre no feminino por escolha política.

<sup>7</sup> Produtora cultural, Doutoranda em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura/UFBA), mestra em Artes Cênicas (PPGAC / UFBA, 2015) e publicitária (IFAL, 2005).

<sup>8</sup> Na época discente do curso de Teatro Licenciatura, artista e performer.

<sup>9</sup> Professora formada em Teatro Licenciatura, na época discente do curso, artista e performer.

<sup>11</sup> Professora formada em Teatro Licenciatura, na época discente do curso, artista e performer.



nomes para orientação, pois o edital Proinart exigia que o projeto fosse apresentado por um docente da universidade.

Era pretendida uma orientação feminina por questões de concernimento com a ideia do Projeto/causa. E assim, somou-se mais um obstáculo: no curso de Teatro Licenciatura da Ufal, não se tinha (e ainda não se têm) no corpo docente uma representatividade significativa feminina numérica, e, a/as que tinha/tinham, já trazia/traziam demandas em projetos para o mesmo Edital, instaurando assim uma complicada situação, caracterizada por uma competição de nível desleal em duas esferas: 1. formação acadêmica; e 2., mulher *versus* mulher.

Dias de angústia que antecederam o fechamento do Edital foram vivenciados. Se por um lado, o Projeto com orientação e aprovado no Edital visibiliza um espaço legitimado de existência e de potência acadêmica, por outro, todas as envolvidas no propósito necessitavam de recursos financeiros (sendo previsto no edital Bolsas) para manter-se em curso.

As demandas de despesas eram variadas, pois abrangiam questões de permanência na vida universitária e o auxílio financeiros em demandas domésticas familiares a manter-se presencialmente em Maceió/AL (cidade origem do curso de Teatro da Ufal), somando, em alguns casos das integrantes, a questão conjunta (necessidades acadêmicas e demandas de presencialidade em Maceió) com uma bolsa de quatrocentos reais. No entanto, isso proporcionou às idealizadoras o anseio em não abrir mão e continuar a busca por uma orientação, como que na fala de suas ancestrais “juntou a fome com a vontade de comer”.

## **II - Resistência, insistência, complacência**

Com angústia e aflição, as idealizadoras do projeto Auryelly Campos e Samara Rayra e as colaboradoras David Gomes e Leylane Maria continuaram o árduo trabalho de busca de orientação. Os dias iam se encurtando quanto ao fechamento do Edital e agora, nesta situação, já haviam renunciado o desejo de uma orientação específica

de suporte cênico<sup>10</sup> bem como a prerrogativa pelo gênero feminino. Na ocasião, vagavam pelo espaço acadêmico pedindo minutos de atenção das/dos docentes para apresentação do Projeto, exibindo as justificativas pessoais e de relevância científica para a investida no edital<sup>13</sup>.

Além de pelejar no colegiado de docentes do curso de Teatro, buscavam nas outras licenciaturas artísticas da Ufal (Dança e Música) a oportunidade de ao menos uma tentativa no Edital. Dadas as circunstâncias e a carência da Ufal quanto à visibilidade de programas de iniciação artística, a maior parte de docentes que nos oportunizaram escuta já tinham submetido ou iriam submeter seus projetos no mesmo Edital. Tornando, nas integrantes, um processo de desencantamento referente ao Projeto.

Já nas vias finais de fechamento do Edital, foram consideradas pelo núcleo do projeto possíveis orientações nos trânsitos de âmbitos acadêmicos que estavam dentro do espectro de visitação e de estudo das idealizadoras do projeto. Considerando possíveis orientações como docentes e servidores em setores como: o Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte -ICHCA/Ufal; o Centro de Educação -CEDU/Ufal; o Sistema de Bibliotecas - SiBi/Ufal; tendo, por fim, o término das tentativas na Escola Técnica de Artes - ETA/Ufal.

Na data 13/04/2018, as aflições aguçaram-se por ser o último dia para submissão do projeto no Edital e a luta de não ter docente orientadora, como estabelecido em Edital. No entardecer do dia, as esperanças de tentativas de submissão do Projeto pareciam ir embora acompanhando o pôr do sol, pairando sobre as participantes uma atmosfera mista de compadecimento e o sentimento de alívio pelo descanso iminente de ter feito o máximo de manobras possíveis para a tentativa no processo. Numa última tentativa de consulta a docentes e técnicos da ETA, passaram por uma situação inusitada, a qual, possibilitou o caminho de submissão.

Dias anteriores, após a abordagem a uma docente (a mesma havia sinalizado o não interesse em assumir a orientação por questões ideológicas e por interesses

---

<sup>10</sup> Visto a dificuldade para encontrar sequer uma orientação independente do gênero.

<sup>13</sup> Quando havia abertura para escuta e as discentes se faziam escutadas.

acadêmicos também de concorrência no Edital) da ETA, fomos numa última tentativa de encontrar o diretor em exercício da Escola. O encontrando, e no mesmo recinto estando a mesma docente, tivemos por ela uma apresentação sintética reduzida do projeto em tons desdenhantes irônicos e, em meio a risos, falando “você não tem interesse em assumir, David, o projeto das feministas?”.

A ação foi tão rápida que todas envolvidas no projeto não tiveram repertório de reação. Sinalizando a priori negativamente para a proposta, o prof. David Farias<sup>11</sup> foi interpolado pela integrante Auryelly que insistiu em uma escuta mais sensível, um caminho de apresentação mais adequado. O professor, em meio a seus compromissos, destinou um momento de escuta e se comoveu com todo o trajeto enfrentado. Após ter lido todos os itens trazidos no esboço, sinalizou suas condições e limitações para assumir a orientação do projeto, questionando se todas estavam de acordo, o que prontamente respondemos positivamente. Foram feitos todos os trâmites necessários para a submissão do projeto com êxito e ficamos no aguardo do resultado que seria nos próximos dias.

### **III - Resultado do edital, especulações**

Por certa ironia do destino, o dia de divulgação do resultado do edital culminou com uma festa de boas vindas para os calouros do curso de teatro da turma formada no semestre 2018.1. Estavam todas as participantes juntas, esperando que o resultado fosse postado para o acesso de todas, porém sem criar muitas expectativas em torno disso, levando em consideração todas as dificuldades enfrentadas para conseguir ao menos inscrever o projeto no edital.

Por volta de 20:00 horas do dia 02/05/2018, o tão aguardado resultado foi colocado no site oficial da Ufal, nos reunimos em volta de um celular e fomos procurar a tão sonhada aprovação. E lá estava, em décimo segundo lugar, com avaliação de 9,4 e duas bolsas de incentivo, o Ventres Poéticos. De forma surpreendente o resultado foi além do esperado, obtivemos uma boa pontuação. A criação de todas

---

<sup>11</sup> Diretor da Escola Técnica de Artes da Ufal(2020-2024); professor e pesquisador nas áreas de interpretação, improvisação, laboratórios de montagens cênicas e artes performativas.

nós estava enfim tomando forma à nossa frente, poderíamos pôr em prática tudo que foi planejado e estaríamos à frente de toda essa construção.

Ainda sem acreditar muito no que na aprovação daquela nossa ideia, naquele dia, comemoramos o início do nosso projeto. O ainda recente, porém, tão importante pra todas nós, projeto sobre *ser mulher* agora estava ainda mais palpável do que nunca. E estávamos dispostas a fazer dessa pequena fagulha de esperança, algo memorável e incrível. A partir da semana que se seguiu nos dedicamos ao máximo para pôr em prática todo o planejamento que tínhamos criado, pensando sempre em como a nossa presença poderia fazer diferença.

## **2. Realizando os planos**

### **I - Ciclos de leitura**

Para darmos início ao projeto que idealizamos, fomos para o trabalho teórico. Precisávamos nos embasar e fortalecer com a teoria para só então partirmos para a prática de intervenções e performances.

Os ciclos de leitura tinham um funcionamento muito claro para todas as participantes do grupo. De acordo com o nosso referencial teórico a cada semana de encontro, iríamos mediar conversas sobre percepções que surgiram a partir das leituras desses textos. Alguns textos eram em formato mais poético como por exemplo *Outros jeitos de usar a boca*, de Rupi Kaur(2017). Aqui sinto a necessidade de fazer algumas observações acerca desse livro em específico, pois foi um dos pontos de junção das participantes como também foi usado para as construções artísticas/perfomáticas do grupo, e também é referência estruturante para essas reflexões. Este livro traz textos muito particulares e compartilhados ao mesmo tempo, compartilhados entre todas as pessoas que são vistas e tratadas como mulher na sociedade.

O terapeuta coloca a boneca na sua frente, ela é do tamanho das meninas que seus tios gostam de apalpar - *mostre onde ele colocou as mãos* - você mostra o lugar entre as pernas, aquele que ele arrancou com os dedos igual a uma confissão - *como você está se sentindo* - você desfaz o nó da garganta com os dentes e diz - *bem, um pouco dormente*.

- sessões nos dias de semana

(KAUR, 2017, p. 16)

Mesmo que ele tenha sido escrito por uma mulher que passou por uma história diferente da minha ou de muitas outras, ele fala sobre uma realidade compartilhada entre todas nós. Fala sobre paradigmas criados em torno da figura feminina idealizada pela sociedade, uma ideia que foi e continua sendo impregnada no subconsciente coletivo, de como as mulheres devem ser, o que fazer, o que vestir, como se comportar e muitas outras coisas.

Um livro muito importante para o ciclo de leitura, para a criação do projeto e que também embasa essa escrita, foi *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir<sup>12</sup> (1970), que se divide em duas partes. A primeira fala acerca das inquietações que vêm junto ao paradigma de ser vista como um "outro" em relação ao homem e como essa perspectiva cria, em torno da mulher, um ideal a ser seguido independente de suas particularidades, mesmo que em nenhum momento consiga ser definido o que é ser mulher.

É uma estranha experiência, para um indivíduo que se sente como sujeito, autonomia, transcendência, como um absoluto, descobrir em si, a título de essência dada, a inferioridade: é uma estranha experiência para quem, para si, se arvora em Um, ser revelado a si mesmo como alteridade. É o que acontece à menina quando, fazendo o aprendizado do mundo, nele se percebe mulher. A esfera a que pertence é por todos os lados cercada, limitada, dominada pelo universo masculino: por mais alto que se eleve, por mais longe que se aventure, haverá sempre um teto acima de sua cabeça, muros que lhe barrarão o caminho..

(BEAUVOIR, 1970, vol.2, p. 39)

A segunda parte deste livro começa com a famosa afirmação: "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher", em que ela traz o conceito de que para ser mulher não é preciso seguir os papéis já definidos de mulher, mãe e esposa. Simone fala sobre as possibilidades de caminhos a serem trilhados pela mulher, sem a obrigatoriedade de

---

<sup>12</sup> Escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa.

ser aquilo que se espera e é imposto para ela ao nascer, tomando para si as repercussões das suas escolhas.

Outro texto também utilizado como embasamento teórico para nossas criações artístico-políticas foi o artigo de Saulo Ramos Furquim<sup>13</sup>, intitulado de "A mulher no direito penal: Breves considerações à Lei nº 11.340/06", no qual ele traz considerações muito pertinentes sobre a lei batizada como Maria da Penha<sup>14</sup>, em homenagem à mulher que se tornou símbolo da luta contra a violência Doméstica. Mesmo entendendo que o projeto se desenvolveria dentro de uma bolha de academicismo e com algumas limitações sociais, era do interesse de todas as envolvidas que o projeto perpassa sobre questões de violência contra a mulher, visto que a mesma foi também motivação para a criação do Ventres Poéticos.

Era percebido por todas as participantes que, independente do ambiente em que elas estivessem inseridas, apenas por serem mulheres, elas poderiam sofrer algum tipo de violência, fosse ela psicológica, patrimonial, física, sexual ou moral. Para a sociedade, era como se nenhuma mulher fosse boa o suficiente para não passar por alguma ou até todas essas violações de direitos constitucionais.

## **II - *Inter-fere***

Fervia no grupo a intenção de interagir mais diretamente com nossa platéia e para isso criamos o *Inter-fere*, que funcionou ao seu propósito. Os *Inter-fere's* aconteciam uma vez no mês e era aberto ao público, diferente das outras reuniões, que eram fechadas somente às participantes do projeto. Nas reuniões fechadas estudávamos o texto que seria nosso foco naquele mês e fazíamos os preparativos para mediar uma interação com o público acerca daquele mesmo tema. Essas interações mais diretas com o público eram chamadas de *Inter-fere's* e funcionavam

---

<sup>13</sup> Especialista em Ciências Criminais pela Universidade Anhanguera. Graduado em Direito pela Universidade São Francisco USF. Advogado.

<sup>14</sup> Maria da Penha Maia Fernandes é uma ativista do direito das mulheres e farmacêutica brasileira que lutou para que seu agressor viesse a ser condenado. Maria da Penha tem três filhas e hoje é líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres, vítima emblemática da violência doméstica.

muito mais como uma intervenção artística para estudo dos resultados obtidos através dela.

Após reuniões para as deliberações do *Interfere*, a conclusão foi tomada: a primeira apresentação performativa aconteceria no Espaço Cultural da Ufal, na programação da Calourada de Teatro/Ufal. Entendíamos que com a entrada de novas/novos estudantes no curso, os objetivos do projeto poderiam ter mais força – visto que com a entrada, provavelmente, as/os caloures não teriam vícios discriminativos artísticos quanto a cartografia poética feminista que seria por nós apresentados/problematizados<sup>15</sup> –, a possibilidade de uma pedagogia por meio de ações artísticas.

Após semanas de encontros, debates e inspirações, surge a junção de ideias que iria culminar no primeiro contato direto com o público, a primeira experiência prática do projeto. Como iniciarmos o debate sobre as mais intrínsecas e cotidianas dores femininas, pelas quais estávamos debatendo há semanas? Como ser imediatas na comunicação sobre a naturalização de tais dores pensadas? Foram questionamentos que nos levaram a aplicar a performance da triangulação.

Tendo como inspiração a performance *Rhythm 0*<sup>16</sup>, de Marina Abramović<sup>17</sup>(1974), os encontros semanais passaram a ser dedicados à elaboração e estudo da proposta. Trabalhar com performance certamente seria um caminho mais assertivo para os questionamentos que inundavam as participantes. Uma vez que a performance possui o poder de gerar incômodo à mente de toda pessoa que se prontificou a doar um pouco do seu tempo, fazendo-se presente naquele momento.

Sendo assim, surge a ideia de trabalhar com a interação direta com público na performance, com a ânsia de mostrar e gritar para as pessoas que essa violência estrutural também está presente nelas. Ou seja, a desvalorização feminina e a

---

<sup>15</sup> Já que combatiam o machismo diariamente em situações que iam de convívio social básico quanto a proposições e deliberações acerca de qualquer atividade coletiva.

<sup>16</sup> A apresentação performática Ritmo 0 foi uma proposta artística feita pela artista sérvia Marina Abramovic no Studio Morra na cidade de Nápoles na Itália.

<sup>17</sup> Marina Abramović é uma artista performática que iniciou sua carreira no início da década de 1970. Seu trabalho explora as relações entre o artista e a plateia, os limites do corpo e as possibilidades da mente.

linguagem patriarcal que sangra mulheres diariamente também estão internalizadas no nosso público, pois se fazem presentes em tudo e em todos os indivíduos. Certamente, não haveria melhor maneira de responder nossos questionamentos anteriores que deixar o público demonstrar suas ações e reações às várias caracterizações do feminino.

### **3. A performance Triangulação**

#### **I - Chuva de ideias**

Como comunicar através das performers as várias caracterizações do feminino? Através desse questionamento as participantes decidem dividir a imagem feminina em três planos, e nessa criação usamos a performance de Marina Abramović como referência. Com o nome de *Rhythm 0*, ela aconteceu no ano de 1974 da seguinte forma: em uma mesa haviam 72 objetos, dentre eles um machado e pistola e com uma bala dentro, Marina ficou sob o poder do público, sem resistência, aceitando tudo que se fizesse com ela. Isso durante 6 horas. Um homem ainda chegou a pegar nessa arma, e colocar no pescoço da artista. Quando a Studio Morra, que fica em Nápoles, na Itália, informou o fechamento do local, a mesma começou a se mover, e o público começou a fugir, pois não poderia encará-la como uma pessoa, após tê-la usada como um objeto. A artista comentou:

O que eu aprendi é que se você deixar nas mãos do público, eles podem te matar. Eu me senti realmente violada. Cortaram minhas roupas, enfiaram espinhos de rosa na minha barriga, uma pessoa apontou uma arma para minha cabeça e outra a retirou. Isso criou uma atmosfera agressiva. Depois de exatamente 6 horas, como eu tinha planejado, me levantei e comecei a caminhar em direção ao público. Todos fugiram para escapar de uma confrontação presente .

(ABRAMOVIĆ, 1974)

E para a nossa vivência performática estava acordado: três mulheres, três cadeiras, uma mesa. Vestidas com roupas estereotipadas para possivelmente fortalecer uma leitura visual, a proposta a princípio era de inertividade. Corpos sujeitos ao acaso - e acaso, aqui, lê-se como a possibilidade de inatividade. Assim,



Entendíamos que a performance requeria situações que envolvessem risco físico . Surgiu então a ideia de reforçar os estereótipos femininos através dos objetos expostos na mesa, como: itens estéticos, batons, lápis de olho e delineadores; bonecas; roupas; objetos cortantes como faca, tesoura e barbeador; objetos de *sexshop* como vibradores; cordas; caixas, papéis e canetas.

A disposição dos objetos surge frente aos riscos e possibilidades de sua utilização nos corpos das performers, bem como os estereótipos cristalizados sobre comportamentos esperados em ser -e como se comportar- mulher em sociedade. *A priori*, foi possível imaginar ainda na etapa de concepção, as possibilidades de interação da plateia com uso desses objetos em uma composições visuais pré-calculadas, o que até nos causou certo incômodo na antecipação.

Um frio se instalou naquela tarde da apresentação, a tensão era predominante. As performers transpassaram em seus semblantes a mesma insegurança, já até comum, que quando relataram o receio e medo de atividades comuns<sup>18</sup> como esperar o ônibus após a faculdade, estar numa sala sozinha com um homem.

Primeiro iríamos trabalhar a mulher socialmente aceitável, representada por uma noiva de branco, sentada e com seu olhar sempre recluso; em segundo, a mulher que está no meio do caminho, aquela que se encontra perdida entre ser livre dos estereótipos postos a ela ainda no ventre ou acessar o local social que aparenta ter que lidar com menos embates cotidianos; por fim, iríamos trabalhar a mulher que soltou-se da corda e desceu para o embate libertador, aquela que decidiu ir contra os estereótipos mesmo sabendo que seu caminho seria incompreendido.

Dessa maneira, as participantes conseguiram corporificar as mais diversas mulheres uma vez que, ainda que extremamente diversas, fluídas e unificadas, somos como água em nossa sociedade e, possuímos três estágios físicos sociais.

Para a participante Samara parte de nós ainda se encontrava em estado sólido com formatos e volumes definidos; outras em estado líquido onde até conseguem ser

---

<sup>18</sup> Numa perspectiva de uma sociedade utópica, pois, toda mulher sabe o risco que corre por ser mulher sozinha a noite transitando sob qualquer via pública.

comprimidas, mas, já lutam por uma não definição de si; algumas outras raras partículas de nós, alcançaram o estado gasoso desse delírio cognitivo que vos falo, cheias de energia cinética elevada, não se moldam, se expandem e quando tentam moldá-la, provoca um aumento de sua energia e, eleva a pressão do sistema. Não haveria melhor maneira de corporificar nossas partículas que, dividirmos a performance nos três planos escolhidos.

## **II - O batismo**

No dia 21/06/2018 chegava o momento da performance acontecer, na programação da calourada do curso de Teatro Licenciatura da Ufal. O espaço cênico era o pátio do Espaço Cultural da Ufal e ele estava composto por três cadeiras, formando uma triangulação entre as performers e uma mesa com diversos objetos expostos, tais como, ursos, batons, cordas, vibradores, bijuterias, canetas e uma pequena tesoura.

Com o público à espera e curiosos nas tangentes do espaço cênico, as performers surgem, caminhando, circulando o espaço, enquanto marcam toda a trilha que passam com sangue que elas carregam. Direcionadas as suas marcações dentro do plano pensado anteriormente, embarcam na experiência que seria de fato, uma das mais impactantes que passariam nesse projeto. As outras participantes da equipe estavam dispostas nas tangentes, mescladas ao público como apoio físico e emocional para tal momento.

A proposta estava entregue, a imagem daquelas três mulheres, aquela mesa, uma sonoplastia composta de diversas músicas gravadas, em sua maioria músicas de Elza Soares<sup>19</sup>, que nos orientavam nos tempos de cena, por muito tempo, pareceu um quadro emoldurado pelo público em suas laterais. O que cada um de vocês acha dessa imagem? O que cada uma de vocês sente? O que você pode fazer? O que você quer fazer? Por um tempo, aquela imagem gritou ali, questionando sem oralizar nada.

---

<sup>19</sup> Elza Soares, nome artístico de Elza Gomes da Conceição, foi uma cantora, compositora musical e puxadora de samba-enredo brasileira, que flertou com vários gêneros musicais como samba, jazz, samba-jazz, sambalanço, bossa nova, mpb, soul, rock e música eletrônica.

Até que aos poucos o público tomou o espaço cênico e caminhou entre as mulheres, olharam a mesa e decidiram intuitivamente participar. Lembra da segunda pergunta que nós fizemos no período de germinação das ideias? A pergunta foi: Como ser imediatas na comunicação sobre a naturalização de tais dores pensadas? Então, o público começou a responder.

A participante Samara Rayra relatou assim sua percepção dessas respostas:

No decorrer da performance, percebi algo, existiam mãos em mim, elas tinham diversas cores, tamanhos e espessuras. Essas mãos estavam em atrito com minha pele, meus cabelos e roupas, levantavam e baixavam meu rosto, tiravam e colocavam o véu, assim como as sandálias. Tentava entender suas respostas até que tinham cordas em mim, formei-me uma com a cadeira que já me sufocava, uma mordaca foi posta em minha boca e logo após retirada, assim como as cordas, e depois postas novamente (Depoimento dado após a performance Triangulação).

Dessa forma, foram acontecendo mais e mais interações e ideias, todas as performers, passavam pela mesma experiência em diferentes perspectivas. Essa citação refere-se à visão baseada na noiva da triangulação, mas todas experimentaram uma conexão única ali. As mãos. Após mais alguns intensos minutos, a performance teve seu fim. O público se dirigiu à mesa redonda proposta para o debate sobre as vivências na performance.

### **III - Por trás da artista existe uma mulher.**

É importante enquanto projeto artístico, compreender e estudar a interação do público. De fato, conseguimos com a Performance Triangulação respostas significativas sobre a oratória patriarcal intrínseca na cultura daquela comunidade. Propor uma interação direta com o público, com objetos perigosos inclusos a sua disposição, colocando performes Mulheres para um diálogo tátil entre artistas e audiência, tornou-se um desafio realmente grandioso e todas as participantes do projeto sabiam disso, teoricamente.

Sim, a resposta do público foi forte, desafiadora, empolgante e direta, levantando mais dados para a pesquisa do projeto Ventres Poéticos. Porém, se estamos falando em projeto com abordagem Feminista, torna-se inevitável não despir

as artistas ao fechar das cortinas; ali, ao término da performance, eram mulheres. É imprescindível despir o olhar artístico sobre a vivência da Triangulação e abrir o olhar social, feminista e febril que ali pulsava também.

Sendo assim, a experiência vivida naquela performance tocou intrinsecamente cada artista, levantando diversos questionamentos, como: Por qual motivo as pessoas se sentiram tão à vontade para moldar os corpos em cena? O que fez as pessoas escolherem colocar amarras ou intervir na sexualidade das artistas? Tais intervenções aconteceriam se o grupo em cena fosse composto por homens? Esses entre outros vários questionamentos que vieram com a performance tornaram-se material de trabalho para a performance seguinte.

#### **4. Intervenção física - Poesia por toda parte**

##### **I - Encontros e desencontros**

A segunda vivência performática a ser relatada é a intervenção "Poesia por toda parte", que foi gerada durante o ciclo de leitura, e aconteceu em setembro de 2018. O processo de criação se deu através da leitura dos livros da Rupi Kaur, já supracitada, que descreve as dores e prazeres de ser e se tornar mulher. Ela se deu através de uma intervenção visual feita pelas integrantes no Espaço Cultural Universitário da Ufal, que era, na época, o local de aulas do curso de teatro licenciatura e também o ponto de encontro para nossas reuniões.

Durante o período de encontros para estudos do nosso referencial teórico, era percebido que, de certa forma, estávamos nos afastando da interação direta com o nosso público, que no momento era a classe docente e discente do curso de Teatro Licenciatura e por vezes as pessoas que frequentavam aquele ambiente. E por perceber este fato, adquirimos uma inquietação sobre esse afastamento, essa distância que existia entre a nossa pesquisa e àquelas pessoas. Pessoas que poderiam nos oferecer mais conteúdo para pesquisa, como também trabalhar suas questões pessoais através das nossas perspectivas.

Foi quando decidimos que queríamos nos mostrar presentes espalhando pelos corredores e pátios daquele lugar poesias e poemas feitos por mulheres e sobre mulheres. Alguns desses textos foram retirados do nosso referencial, mas o objetivo era colocar ali nossas palavras, nossas dores, criações próprias para estarmos mais ligadas ao nosso público.

Desta forma os encontros que se seguiram foram destinados aos estudos dos nossos referenciais e percepção das violências que nos atravessam. Violências estas que muitas vezes passavam despercebidas, pois é comum nos acostumarmos elas porque toda nossa trajetória e toda nossa educação é baseada, influenciada e construída em perspectiva misógina. Mesmo que atualmente se fale bastante sobre equidade de direitos e reparação histórica, ainda estamos, enquanto sociedade, em processo de desconstrução e reconstrução dos nossos paradigmas morais. E por isso ainda tornamos natural o assédio cotidiano, a invalidação de ideias e o roubo de liberdade que cerca as mulheres.

## **II - Criação do conjunto**

Para a escrita dos textos a serem expostos no espaço cultural, fizemos pesquisa de escrita na nossa base teórica, como também em dados da região de Maceió-AL sobre os tipos de violência contra mulher, e quais eram os casos que mais se relacionam com nossas próprias angústias. É importante citar quais foram os caminhos seguidos para que seja entendido também como a reação do público se mostra contundente. Falávamos sobre as violências sexual, física e psicológica, em situações que nos atravessavam ou às pessoas próximas de nós.

Você me abriu ao meio como se eu tivesse te dado permissão para fazê-lo. Como se eu fosse um brinquedo da criança mimada que você é, querendo saber das minhas engrenagens. Desculpe se eu te decepção não consentindo, não liberando o que você mais deseja. Que não é desejo de fome é desejo de posse, desejo de superioridade. E quando você continua mesmo quando eu peço que pare, é nesse momento que eu sinto que não sou nada além de muito pouco para você. Eu não te satisfaço, e nem quero, mas tu me exige isso com tanta naturalidade que às vezes eu acredito que preciso disso para ser completa ou pelo menos um pouco mais do que o nada que eu me sinto 18 minutos depois do começo, quando você goza e tem a sua vitória

O texto acima, escrito por mim, reflete o teor e compromisso político dos textos que foram selecionados e, para tornar ainda mais pessoal, escritos a mão. Colados em lugares estratégicos para serem vistos e lidos, em um ambiente de grande circulação dos discentes e docentes, para termos um resultado mais aparente e claro. Colocamos junto a estas escritas o nome do projeto, para que fôssemos identificadas e para que, caso surgisse o interesse de participação mais ativa em alguém de fora do projeto, essa pessoa pudesse chegar até nós.

## **5. Retorno e conclusões**

Gostaria de escrever que essa ação gerou bons resultados e que a partir dessa intervenção percebemos uma mudança no jeito de interagir das pessoas que nos cercavam, mas a repercussão foi bem silenciosa e silenciadora. Os textos que foram espalhados e que removiam o branco duro das paredes sumiram em uma dúzia de dias, alguns deles, os mais ferozes, até antes disso. Entendamos aqui que essa também é uma resposta, essa ação também fala algo sobre o nosso formato de sociedade.

Ficou entendido por nós, as participantes, que o incômodo gerado com nosso posicionamento político-artístico era, provavelmente, uma coisa pela qual nosso público não estava preparado ou disposto a passar. Nada muda na zona de conforto, e é preciso disponibilidade em abundância para sair desta zona. Era preciso que todas as pessoas escolhessem pensar sobre o incômodo que estava sendo gerado, não somente nessa intervenção, mas em geral. Quais eram as coisas que elas viam ou ouviam que doíam na alma?

Não se pode pensar em mudança e conforto ao mesmo tempo, escolhe-se um ou outro, e nós não estivemos ali para confortar os olhares ou sermos acalentadoras independentemente da reação do público. Estávamos falando sobre dores reais e as reações também eram tratadas como reais, elas falaram mesmo que a resposta fosse desagradável. Nessa intervenção expusemos as violências a que éramos submetidas

como mulheres numa sociedade, infelizmente, patriarcal e conservadora que vivemos. E ficou percebido, pela reação que obtivemos, que ainda é necessário muito mais incômodo para que as perspectivas se alterem.

O projeto se desenvolveu por dezoito meses, tempo suficiente para duas gestações humanas, e acredito que todos os produtos artísticos, que não foram apenas esses descritos nesse trabalho, gerados a partir dele foram tão potentes quanto uma nova vida. Eles causaram tanto nas participantes, quanto na nossa *platéia* um tipo de envolvimento muito íntimo, afetou de maneira permanente todas as pessoas que por ele passaram.

Nessas duas intervenções performáticas político-artísticas ficou claro nosso direcionamento como profissionais da arte, que não se deixariam afogar pelo turbilhão de desinformação e opressão que nos é empurrado em muitos lugares e áreas da nossa vida. Tínhamos e continuamos tendo *Ventres Poéticos* que fazem borbulhas de posicionamento e clareza no nosso direcionamento. Reflexo de um incômodo gerado por não se encaixar onde sempre foi pedido, quiseram nos diminuir para caber em ideias incoerentes, mas naquele período de descoberta e dali em diante, não nos deixamos ser caladas, silenciadas e esquecidas.

Continuamos existindo e incomodando para gerar mudança.

## **Referências**

BEAUVOIR, Simone. O segundo Sexo: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1970.

\_\_\_\_\_. O Segundo Sexo: A Experiência Viva. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1970.

BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha). CAMPOS, Amini Haddad; CORRÊA, Lindinalva Rodrigues.

CAMPOS, Aury. Frenesi. 1º ed. Amazon, 2020.



FURQUIM, Saulo. A mulher no direito penal: Breves considerações à Lei nº 11.340/06. Âmbito jurídico, 2014. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/a-mulher-no-direito-penal-breve-s-consideracoes-a-lei-n-11-340-06/>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

KAUR, Rupi. Outros jeitos de usar a boca. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

\_\_\_\_\_. O que o sol faz com as flores. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

LACERDA, Isadora. O conceito de violência contra a mulher no direito brasileiro. PUC-RIO, 2018.

LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. Brasil: Rocco, 1964.

PASCHOLATI, Aline. OBRA DE ARTE DA SEMANA: Performance “Ritmo 0” de Marina Abramović. Artrianon, 2017. Disponível em: <<https://artrianon.com/2017/10/10/obra-de-arte-da-semana-performance-ritmo-0-demarina-abramovic/>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

**Anexos: fotos da performance Triangulação, realizada no Espaço Cultural Universitário da Ufal (arquivo do grupo).**











